Resumo

A globalização é, simultaneamente, uma oportunidade e um desafio para os sistemas educativos. Este artigo analisa criticamente os impactos da globalização sobre a educação, com enfoque na inclusão, inovação tecnológica e justiça epistémica. A partir de uma revisão sistemática de literatura entre 2020 e 2024, argumenta-se que uma educação verdadeiramente emancipadora deve reconhecer as desigualdades globais, respeitar a pluralidade de saberes e promover tecnologias educativas éticas. Sustenta-se que, embora autores como Spring, Stromquist, Nazneen e Freire ofereçam fundamentos relevantes, é necessário posicionarmo-nos criticamente face ao discurso globalizador para garantir uma educação equitativa, situada e transformadora. O texto propõe uma abordagem reflexiva, em que a opinião do autor dialoga com os contributos científicos, reforçando a necessidade de um humanismo pedagógico global.

Palavras-chave: globalização, educação, inclusão, justiça epistémica, inovação, pluralismo, ética digital.

1. Introdução: Liberdade, Razão e Globalização

“A verdadeira liberdade é fruto da razão, da compreensão da interdependência e da aceitação do comum.”

— Baruch Spinoza, Ética (1677).

A educação, desde tempos antigos, tem sido um espaço onde se constroem ideais de liberdade e democracia. John Dewey (1916) considerava a escola um laboratório social para a formação cidadã, enquanto Paulo Freire (1970) via na educação a via para a libertação dos oprimidos. Concordo com esta visão, pois a educação, quando crítica e dialógica, é um dos poucos dispositivos sociais capazes de transformar estruturas profundamente assimétricas.

No entanto, a globalização introduz uma nova complexidade: ao mesmo tempo que aproxima realidades, pode também universalizar visões hegemónicas de conhecimento. Aqui reside a ambiguidade do fenómeno globalizador. A minha posição é clara: a globalização só é bem-vinda quando respeita a diversidade, e a educação globalizada deve promover interdependência, não uniformização.

2. Inclusão Educativa: Mais do que Estar Presente, é Ser Reconhecido

Autores como Nazneen (2024) e Akinrinola et al. (2020) sublinham a importância de políticas inclusivas que vão além do acesso físico às escolas. A tecnologia, por exemplo, pode ser um aliado da inclusão, mas também um novo rosto da exclusão, caso não esteja adaptada a contextos culturais diversos.

Na minha perspetiva, a verdadeira inclusão começa quando o sujeito se reconhece no processo educativo — na língua, nos conteúdos, nas práticas pedagógicas. Um currículo globalizado que ignora a realidade local é, na prática, um mecanismo de silenciamento. Concordo com Spring (2008) quando afirma que os modelos educativos importados tendem a marginalizar epistemologias locais. A inclusão exige, portanto, coragem institucional para romper com paradigmas coloniais e reconstruir a educação a partir dos sujeitos concretos, não de estatísticas globais.

3. Inovação Tecnológica: Entre a Promessa e o Perigo

As TICs são frequentemente apresentadas como soluções milagrosas para os problemas da educação. Contudo, Zembylas e Vrasidas (2005) alertam que a digitalização, sem reflexão crítica, pode reforçar novas formas de colonização cultural. Concordo inteiramente: a inovação só é autêntica quando responde às necessidades de quem aprende, e não quando reproduz modelos corporativos de ensino-aprendizagem.

A meu ver, a pedagogia digital deve ser situada, sensível à realidade do aluno e ao seu contexto sociocultural. Stromquist e Monkman (2014) têm razão ao afirmar que a inovação precisa de ética. As plataformas digitais não substituem a intencionalidade pedagógica, e sem mediação humana, corremos o risco de transformar a educação em mero consumo de conteúdos.

Acredito que as tecnologias podem ser libertadoras, desde que utilizadas com autonomia local e respeito pela diversidade. Caso contrário, tornam-se mais um veículo de dependência cognitiva global.

4. Justiça Epistémica: O Conhecimento Não É Neutro

A produção científica é, ela própria, atravessada por lógicas de exclusão. Spring (2008) denuncia a concentração da produção e legitimação do saber nas universidades do Norte Global. Partilho esta preocupação: demasiadas vezes, a ciência desvaloriza saberes não

codificados, locais, orais ou contra-hegemónicos.

Nazneen (2024) e Stromquist & Monkman (2014) defendem redes de conhecimento plurais, multilinguísticas e interinstitucionais. Esta visão está alinhada com o que acredito ser o futuro da ciência: uma prática colaborativa, aberta e descolonizada. A justiça epistémica não é um luxo filosófico — é uma necessidade ética. Significa reconhecer que há sabedoria nos territórios, nos povos indígenas, nas margens, e que estes saberes são tão válidos quanto os académicos.

Acredito que a democratização do conhecimento passa, inevitavelmente, pela sua descentralização. A produção científica deve abandonar o pódio e sentar-se em roda, para escutar.

5. Conclusão

A educação globalizada deve ser repensada à luz da liberdade, como bem defendia Spinoza (1677), não como ausência de restrições, mas como compreensão da interdependência. A meu ver, o grande desafio da educação global não é a conectividade técnica, mas a reconciliação entre diversidade e universalidade. Globalizar, sim, mas sem apagar a voz de ninguém.

Autores como Freire, Stromquist, Zembylas e Nazneen convergem na urgência de uma educação crítica e transformadora. Partilho desta visão. A educação só fará sentido enquanto projeto coletivo de justiça, enquanto espaço de pluralidade, enquanto possibilidade de partilha de mundos.

Não basta integrar tecnologias, melhorar rankings ou internacionalizar currículos. É necessário educar com base em valores: liberdade, dignidade, diversidade e equidade. Só assim poderemos construir um mundo onde aprender signifique também libertar.

Referências bibliográficas

Akinrinola, A. A., Adebayo, S. B., & Onakpoya, L. U. (2020). Toward culturally-inclusive educational technology in a globalized world. In M. Khosrow-Pour (Ed.), *Multicultural Instructional Design: Concepts, Methodologies, Tools, and Applications* (pp. 272–290). IGI Global. https://doi.org/10.4018/978-1-5225-9746-9.ch014

Dewey, J. (1916). *Democracy and Education*. Macmillan.

Freire, P. (1970). *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra.

Nazneen, S. (2024). Impact of globalization on education systems: Challenges and opportunities. In *Modern Trends in Multi-Disciplinary Research* (pp. 125–140). Academia.edu. https://www.academia.edu/download/113922842/Modern_Trends_in_Multi_Disciplinary_Research.pdf#page=125

Spinoza, B. (1677). *Ética demonstrada segundo a ordem geométrica*. (Edição adaptada, domínio público).

Spring, J. (2008). Research on globalization and education. *Review of Educational Research, 78*(2), 330–363. https://doi.org/10.3102/0034654308317846

Stromquist, N. P., & Monkman, K. (2014). *Globalization and Education: Integration and Contestation Across Cultures* (2nd ed.). Rowman & Littlefield. https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=GvU3AwAAQBAJ

Zembylas, M., & Vrasidas, C. (2005). Globalization, ICTs, and the prospect of a “global village”: Promises of inclusion or colonization? *Journal of Curriculum Studies, 37*(1), 65–83. https://doi.org/10.1080/0022027032000190687